

A invencível memória do povo brasileiro

Zilá Bernd¹



Resumo

É objetivo do presente artigo retratar diferentes tentativas, nas literaturas brasileira e caribenha de língua francesa, de recuperação da memória social, visando processos de construção/desconstrução identitários, e apontar as figurações míticas como representações coletivas que exercem um papel essencial na sociedade: nutrir a dinâmica identitária e a construção da memória social.

Palavras-chave: Memória social. Literatura brasileira. Dinâmicas identitárias. Figurações míticas.

L'invincible mémoire du peuple brésilien

Résumé

L'objectif du présent article est de retracer les différentes tentatives, dans les littératures brésiliennes et caribéenne de langue française, de récupération de la mémoire sociale, ayant pour but les processus de construction/déconstruction identitaires. L'article vise également souligner la présence de figures mythiques comme représentations collectives qui exercent un rôle essentiel dans la société: nourrir la dynamique identitaire et la construction de la mémoire sociale.

Mots-Clés: Mémoire sociale. Littérature brésilienne. Dynamiques identitaires. Figurations mythiques.

Somos aquilo de que nos lembramos.

Norberto Bobbio.

O vasto painel de mais de 300 anos da história brasileira narrado parodisticamente por João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro* (1984) foi traduzido para o inglês pelo próprio autor com o título de *An invincible memory* (1989). É bastante interessante que a palavra “memória” tenha aflorado na reescritura em língua inglesa dessa obra que envolve um vigoroso esforço de recuperação da memória, retrocedendo aos primórdios do período colonial brasileiro para contar a história do povo brasileiro pelo avesso e, desse modo,

contrapondo história oficial e memória da oralidade, contribuir para o processo de construção da identidade nacional.

É objetivo do presente artigo retratar diferentes tentativas, nas literaturas brasileira e caribenha de língua francesa, de recuperação da memória social, visando processos de construção/desconstrução identitários, e apontar as figurações míticas como representações coletivas que exercem um papel essencial na sociedade: nutrir a dinâmica identitária e a construção da memória.

Literatura brasileira

a) *Viva o povo brasileiro*

Começamos com o que talvez seja o caso mais emblemático da literatura brasileira em termos de trabalho da memória, visando à indagação sobre o perfil identitário do “povo brasileiro”, sobre o que caracteriza enfim a cultura nacional. A terra natal, a Bahia e, em especial a região do Recôncavo e a Ilha de Itaparica, com sua população e cultura mestiças, fertilizam a imaginação do autor, constituindo-se em inesgotável repertório de figuras humanas e de paisagens físicas e culturais. A Bahia de Todos os Santos é, sem dúvida, para João Ubaldo Ribeiro, simultaneamente, o lugar de confronto com o plural, com o diverso e com os diferentes registros de língua, e de reencontro com os fragmentos da memória coletiva. Seu trabalho é em grande parte semelhante ao de um tradutor que, situando-se em uma zona de contato de culturas, negocia incessantemente passagens, apropriações, incorporações e trocas culturais. É retornando – física ou mentalmente – ao “país natal”, que o escritor se nutre, investindo-se de generosa responsabilidade em relação a esse lugar povoado de significações. Sua obra se torna, a partir do reconhecimento da importância de ser baiano, o lugar da mestiçagem, o espaço de reinscrição da diversidade no *continuum* da memória coletiva.

A relevância do trabalho de João Ubaldo se dá pela compreensão de que, para desvendar a complexa questão da identidade nacional brasileira, dominada por uma forte atração pela cultura européia, ele precisa voltar seu olhar para a cultura popular, para a oralidade, desvencilhando-se de qualquer preconceito que considere como superior a cultura letrada e, conseqüentemente, como inferior a cultura de extração oral. João Ubaldo Ribeiro compreende, ao iniciar a escritura das mais de 600 páginas que compõem *Viva o povo brasileiro*, que terá de reconciliar mito e pensamento racional, cultura erudita e

cultura popular para lograr o ambicioso intento de revelar as diferentes faces e falas do povo brasileiro. O sucesso, tanto de público quanto de crítica, que teve o romance com suas sucessivas edições e inúmeras traduções para mais de vinte idiomas, justifica-se pela extraordinária sensibilidade do autor em aceitar a mestiçagem fundadora de nossa cultura, desierarquizando as culturas e detectando fontes de inspiração tanto junto a fontes clássicas (Shakespeare, Sófocles, Rabelais, entre outros) quanto junto à memória dos pescadores da Ilha de Itaparica, herdeiros do manacial da tradição cultural africana.

Viva o povo brasileiro encerra-se com a proposição de uma forte e bela metáfora da questão identitária: as memórias de Patrício Macário desaparecem misteriosamente. Essas memórias, em forma de diário, em cuja escrita ele se empenhou arduamente nos últimos anos de sua vida, desde o ritual de iniciação à religião afro-brasileira, em sua volta à Bahia, e que haviam sido cuidadosamente guardadas em uma velha canastra destinadas a serem lidas pelas gerações futuras, são roubadas sem que ninguém as tivesse lido e sem que nunca tivessem sido recuperadas.

A saída de Patrício Macário de um Rio de Janeiro elitista e inundado de uma forte mentalidade francófila (para não dizer francomaníaca), que pretendia se impor em detrimento de tudo que era nacional, é estratégica. O personagem sente a imperiosa necessidade de se reterritorializar, de reencontra-se com a cultura dos escravos com quem conviveu em sua infância e juventude e de cuja convivência guarda memórias de profunda autenticidade. Nessa volta às origens, tenta recuperar o que fora deixado de lado do projeto de identidade nacional das elites das quais faz parte, pois é militar de alta patente. Trata de ir em busca das múltiplas raízes que estão na origem do povo brasileiro de modo a construir uma proposta rizomática de identidade. Nessa volta à terra natal, passa-se algo digno de registro: nem personagem nem narrador se vêem na iminência de terem de optar entre uma vertente cultural ou outra, entre uma ou outra visão de mundo. O que encanta o personagem é a constatação de que há muito a apreender sobre a cultura negra. Urge que ele faça a aprendizagem do diverso, que aproveite a ocasião de apropriar-se de um legado cultural que lhe fora até então usurpado, pois que havia sido considerado por seu pai e avô como “coisa de negros”, logo, sem valia. Não se trata de ter de escolher entre uma via e outra, mas de aceitar a impureza fundadora da sociedade brasileira e de vislumbrar um entre-lugar, ou um terceiro espaço como possibilidade existencial. Isso explica porque Macário não se altera quando fica sabendo do roubo da canastra porque sabe que a solução não está nem no **esquecimento** (estado de alienação em relação ao legado da cultura negra)

nem na acumulação de lembranças (**memória**), mas no gesto de **renovação**, na disposição de rememorar e de integrar o dissonante e o diverso, num processo contínuo.

Assim, a identidade se põe como processo de negociação entre as múltiplas possibilidades de conhecimento que afloram no contexto cultural brasileiro. Se o leitor de *Viva o povo brasileiro* não teve acesso às memórias de Macário é porque o autor é avesso à idéia da solução definitiva e acabada da identidade brasileira, optando pela via da ambigüidade, deixando ao leitor, sob a forma de um enigma, a tarefa de refazer o percurso do personagem porque o processo identitário tem de vir de dentro para fora e não pode ser dado nem transmitido, tendo que ser adquirido por cada um. Estamos aqui seguindo a trilha de Derrida: "Une identité n'est jamais donné, recue ou atteinte, non, seul s'endure le processus interminable, indéfiniment phantasmatique, de l'identiffication" (Le monolinguisme de l'autre, 1996, p. 53).

b) Literatura negra brasileira e o resgate da memória

A assim chamada literatura negra ou afro-brasileira se constrói nos interstícios da memória, transculturando elementos da tradição africana que haviam ficado nos desvãos do esquecimento. A identidade precisa de uma base sobre a qual possa se erigir. No caso brasileiro, após três séculos de escravidão e de processos sucessivos e brutais de desterritorialização do patrimonial cultural africano, as comunidades após a abolição, se viram na situação de recuperar todos os vestígios (*traces*) culturais que sobreviveram ao longo dos séculos, graças, sobretudo à oralidade e à memória dos contadores. Para além dessa riqueza contida na literatura oral (ou oralitura como preferem alguns), jovens poetas a partir dos anos 1960 e posteriormente os da geração que se intitulou Quilombhoje (poetas de São Paulo que publicam antologias desde 1980 até os dias de hoje) deram origem a um processo de rememoração de figuras míticas e históricas, de fatos ocorridos no período da escravidão e que nunca foram registrados ou que foram registrados pela ótica dos brancos. Revertendo a historiografia oficial, uma literatura negra, afro-brasileira contemporânea ou ainda afro-descendente, como vem sendo chamada ultimamente, não tem a pretensão de reconstruir a África nas Américas. Porém, ao recuperar os vestígios da cultura africana para fazê-los ressoar em articulações novas, acabam recriando "o brilho de áfricas moventes, em deriva, com articulações próprias", como afirma o escritor antilhano Patrick Chamoiseau. Os escritores passam a desempenhar o papel de tradutores transculturais, procurando viver

A incrível memória do povo brasileiro

a fricção de diferentes culturas não como ameaça, mas como enriquecimento. A cultura negra se revigora através de constantes transmutações, em um processo ainda não concluído.

O personagem mais lembrado nesse processo de rememoração é, sem dúvida, Zumbi dos Palmares, que se torna herói épico em poemas de Solano Trindade (*Canto dos Palmares*) e de Domício Proença Filho (*Deonísio Esfacelado*). Vale a pena citar alguns exemplos para dar conta da pujança dessa literatura que se nutre da seiva de uma memória esfacelada. No poema de Trindade, os escravos vencidos de Palmares tornam-se os heróis da ação épica, numa clara inversão da ordem épica tradicional onde o vencedor ou o dominador é o que se transforma em herói:

Eu canto os Palmares
Sem inveja de Virgílio de Homero
E de Camões
Porque o meu canto é o grito de uma raça
Em plena luta pela liberdade

(Solano Trindade, “Canto dos Palmares”, in *Cantares ao meu povo*, São Paulo, Fulgor, 1961, p. 29)

Domício Proença Filho, hoje membro da Academia Brasileira de Letras, retoma o motivo condutor de Palmares e amplia as fronteiras da epopéia, fazendo-a remontar à ancestralidade africana dos quilombolas, nomeando-a para convocá-la à existência. As nações africanas de onde vieram os escravos foram simplesmente omitidas dos livros de história. Domício faz questão expressa de reparar essa rasura, nomeando exaustivamente todos esses povos, para conferir uma memória ancestral ao negro :

Porque bantus/zulus/congos/angolanos
Minas/cafres antigos/
Agomés/nagôs

Porque houve outrora um rei
Chamado Ganga Zumba
E o imperador Zambi
Da Tróia negra

Terra escondida do sabiá perdido

Porque houve a nação negra

Do Quilombo

A raça

É.

(Domício Proença Filho, *Dionísio esfacelado*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1984, p. 10-11.)

A tradição da epopéia clássica busca recuperar o passado para lembrar e homenagear os heróis mortos. Diferentemente da epopéia tradicional, além de recordar ações excepcionais, os poemas acolhem os dramas cotidianos, abrindo simultaneamente aspectos reveladores da marginalidade da vida do negro, evidenciando o intento dos autores de armar um jogo e contrários, configurando o que se poderia chamar de anti-épica negra na qual os heróis, ao mesmo tempo famosos e esquecidos, se definem pela ação transgressora.

Literatura do Caribe: o papel dos *conteurs*

Se, como observamos na literatura brasileira, os contadores dão seguimento à tradição africana dos *griots* - os guardiões da memória de uma determinada comunidade -, no multifacetado contexto do Caribe, é à figura do *conteur* que se credita a salvaguarda de importante parcela do patrimônio cultural. Durante as *veillées* (vigílias noturnas festivas ou fúnebres), cabia aos *conteurs* animar os escravos exaustos do trabalho exercido durante o dia, com suas narrativas. O mundo da noite era, pois, o mundo da lembrança, o espaço do sonho e da liberdade. De tal modo essa figura desempenhou papel basilar na preservação dos mitos, lendas e demais tradições africanas que são baseados nesses relatos que escritores da contemporaneidade constroem uma literatura antilhana com linguagem e identidade próprias. Eles afirmam produzir em francês crioulo o que significa que, embora se utilizando da língua francesa, a narrativa está impregnada de uma semântica que remonta às línguas crioulas, ou seja, às línguas que subsistiram no contexto do Caribe a partir de uma base lexical francesa e de uma gramática entremeadada de elementos das línguas africanas. Trata-se de um fenômeno de hibridação lingüística e literária e são precisamente essas misturas híbridas que conferem identidade própria às literaturas das regiões do Caribe onde o francês – ao lado do crioulo – é utilizado: Martinica, Guadalupe e Guiana francesa.

A incrível memória do povo brasileiro

Patrick Chamoiseau, escritor antilhano premiado com o Prêmio Goncourt, mais prestigioso da França, prestou em seu romance *Solibo Magnifique* (1988), homenagem ao que ele considera o último dos *conteurs* de Fort de France. Sua ânsia em fixar por escrito a palavra de Solibo deve-se ao fato desta tradição estar se perdendo em tempos de pós-modernidade. *Solibo Magnifique* constitui-se em um elogio à arte de improvisação do contador Solibo, “maître de la parole” e “du discours sans virgule”. Diante deste personagem, o escritor nada mais é do que um “marcador de palavras”, isto é, ele nada mais faz do que transcrever a oralidade do personagem, sabendo que escrever “l’oral n’était qu’une trahison, on y perdait les intonations, les mimiques et la gestualité du conteur”. O próprio autor se torna um dos personagens para poder salvar o patrimônio e as vibrações de um mundo em vias de desaparecimento com a morte dos últimos contadores (griots). Ele está bem consciente da dificuldade de sua missão que é a de recolher “les choses fuyantes et insaisissables”. Há uma espécie de angústia, de visão pessimista das coisas, pois o contador de histórias morre de uma “égorgette de la parole” (sufocado com a própria fala) e o autor escreve sobre ele como da “vibration d’un monde finissant, plein de douleur, qui n’aura pour réceptacle que les vents et les mémoires indifférentes”.

A memória coletiva contida nos mitos permeia a escrita literária e confere, no espaço do Caribe, especificamente, e da América Latina em geral, um forte componente identitário. Assim, em um autor como Dany Laferrière, nascido no Haiti, mas que emigrou para o Quebec onde escreveu sua obra, o mito da volta ao país natal (retour au pays natal) se enuncia no romance *Pays sans chapeau* de Laferrière (1966). O protagonista é um escritor que, após 20 anos de exílio no Quebec, “volta ao país natal”, o que implicará necessariamente um processo de reavaliação entre suas lembranças (“pays rêvé”) e a realidade (“pays réel”). O narrador pressente que, para reapropriar-se do país, sua geografia e seu imaginário, terá de passar pela reconciliação com o espaço e suas cores, sons e odores, em tudo diferentes do país de adoção, o Canadá. O retorno ao país natal irá propiciar também ao escritor a sua reconciliação com o *créole* (língua materna para o escritor). Ao reescrever o mito da volta ao país natal, Dany Laferrière o ultrapassa, pois, embora consciente de não poder mudar o mundo - proposta com a qual sonharam Césaire e Roumain - sabe que a valorização do imaginário e dos mitos haitianos que sua escritura realizará, contribuirão para reverter o quadro sombrio com que seu país é retratado pela imprensa mundial.

Na tentativa de mapear esse rico imaginário das Américas, expresso através de mitos e de figurações com densidade mítica, elaborou-se o *Dicionário de Figuras e Mitos literários das Américas* (2007) para dar conta da massa de representações dos imaginários coletivos que remontam ao período anterior às descobertas. Partimos da concepção de mito como representação coletiva ou sistema de representações dadas como verdadeiras, cuja propriedade é a de imputar uma significação de maneira durável. De acordo com o historiador canadense Gérard Bouchard (2007), “a representação efetivada pelo mito possui a particularidade de ser pioneira; ela está na origem de outras representações”. Segundo esse autor, o mito alimenta a dinâmica identitária e a construção da memória, devendo ser considerado um fato social, no sentido a que se referia Émile Durkheim, “sendo, portanto, um fenômeno coletivo que é preciso associar a outros fenômenos coletivos” (BOUCHARD, 2007, p. 423).

Em recente publicação, a estudiosa do conceito de memória social, Jô Gondar (2005), nos lembra que a memória é o campo das representações coletivas, embora não se reduza apenas a isso, pois, segundo ela, “fazer avançar o pensamento sobre memória social implica questionar a evidência dessa relação e das idéias que aí se encontram inter-relacionadas” (p. 23). Jô Gondar também se refere a Durkheim, sobretudo a sua obra *Representações individuais e representações coletivas*, na qual o eminente sociólogo traça uma analogia entre a esfera da memória e da representação coletiva. Ela questiona, contudo, que a memória seja reduzida ao que ela chama de simples “arquivo de representações”, não sendo levados “em conta os movimentos reais que essas representações representam” (p. 23). Ela está, portanto, chamando nossa atenção para o mesmo fato que Bouchard, em sua tentativa de definir o mito, o faz: não podemos perder de vista que as representações e a memória social só podem ser compreendidas e analisadas como processo. Jô Gondar afirma: “As representações não surgem subitamente no campo social, mas resultam de jogos de força bastante complexos, envolvendo cominações e enfrentamentos que a todo tempo a alteram” (p. 23). Não podemos, pois, desprezar as condições processuais de sua produção, caso contrário, estaremos reduzindo a memória a um campo único de representações.

Na aprofundada reflexão que Gérard Bouchard faz sobre a importância do mito como complemento da racionalidade, ele salienta, na esteira de Durkheim, que é fundamental estabelecer que o terreno de análise do mito é pragmático e seu objetivo é o de esclarecer as raízes sociais, a dimensão estratégica, os atores (grupos, comunidades, partidos, etc), em suma, só se pode apreender verdadeiramente o mito como representação

coletiva estando atentos para o conjunto de fatores que estão na origem de seu contexto de enunciação. Não basta ver o mito ou a memória social como uma representação cristalizada: é preciso captar os contextos nos quais as representações se originam, as forças que as conduzem e que as instituem para poder, em conseqüência, analisar de que modo elas nutrem as identidades, os comportamentos individuais e coletivos e o devir da sociedade.

Memória social, cultura e identidade

Foi nossa intenção, partindo da área de Letras, nos inserir na temática da memória social, da cultura e das identidades, esperando contribuir para a Revista eletrônica *Mouseion* e para as reflexões que darão sustentação ao novo Mestrado do UNILASALLE em **Memória Social e Bens Culturais**. Pretendemos desvelar o texto literário como um lugar de memória privilegiado e como poderoso guardião das representações e dos imaginários coletivos, revelando sua potencialidade e força de construir e desconstruir identidades lá onde – aparentemente - só existe um cândido poema ou um frágil e ingênuo romance.

Bibliografia:

BERND Z. & UTEZA, F. *O caminho do meio*; uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro. Porto Alegre: Editora a UFRGS, 2001.

BERND, Z, org. *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo editorial e Editora da UFRGS, 2007.

BERND, Z. *Literatura brasileira e identidade nacional*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003., 2. Ed. rev.

BOUCHARD, Gérard. Le mythe: essai de définition. In Bouchard, G. & Andrès, B., eds. *Mythes des Amériques*: Montréal: Québec/Amérique, 2007. P. 409- 425.

GONDAR, JÔ & DODEBEI, Vera, orgs. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra capa, 2005.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vieira e Let, 2007.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. In *Obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. (Col Biblioteca luso-brasileira) Organizadora: Zilá Bernd

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C. Professora do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). Aposentada como Prof^a titular da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul é hoje professora e orientadora do PPG Letras/UFRGS na condição de colaborador convidado. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, nas Literaturas francófonas das Américas e Literatura Comparada. Vem publicando, principalmente, nos seguintes temas: estudos canadenses, americanidade, identidade, estudos culturais e relações literárias interamericanas. É membro do GT Anpoll - Rel Literárias interamericanas e do comitê de redação da revista Interfaces Brasil/Canada, da ABECAN. É Chevalier de l'Ordre National du Québec et Officier des Palmes Académiques (gov. francês).